

AS NARRATIVAS EVANGELIZADORAS DA NIGER EXPEDITION: UMA
ANÁLISE COMPARATIVA DOS DISCURSOS DE MISSIONÁRIOS
DA EXPEDIÇÃO BRITÂNICA AO RIO NIGER – 1841

Erika Melek Delgado¹

RESUMO

A Expedição Oficial Britânica de 1841, conhecida como *Niger Expedition*, levou cerca de 230 homens, entre africanos e europeus, para o delta do rio Níger. Com a proposta de levar a “civilização” para o interior do continente combatendo a escravidão, essa grande tripulação contou com dois missionários enviados pela *Church Missionary Society*, Rev. James Frederick Schön e Mr. Samuel Ajayi Crowther, que produziram dois relatos de viagem publicados conjuntamente no ano de 1842. Este artigo tem como objetivo apresentar ambos os relatos de maneira comparativa, confrontando as narrativas e focando não apenas nas descrições dos infortúnios encontrados, mas principalmente nos discursos e perspectivas do então reverendo alemão e do futuro primeiro bispo anglicano africano no decorrer da expedição e em suas conclusões finais.

Palavras-chaves: África Ocidental; discurso missionário, expedição britânica, análise de discurso

ABSTRACT

The Official British Expedition of 1841, known as the *Niger Expedition*, transported 230 men, among Africans and Europeans, to the delta of the River Niger. With the purpose of bringing “civilization” to the interior of the continent and fight against slavery, this large crew had two missionaries sent by the *Church Missionary Society*, Rev. James Frederick Schön and Mr. Samuel Ajayi Crowther, which produced two travel accounts published in the same volume in 1842. This article aims to present both reports in a comparative perspective, confronting the narratives and focusing not only on the descriptions of the misfortunes, but to focus on the discourses and aspects of the German Reverend and of the future first African Anglican bishop.

Keywords: West Africa; missionary discourse, British expedition, discourse analysis.

Esse artigo tem como objetivo discutir a *Niger Expedition*; expedição britânica conhecida por ter enviado uma tripulação extensa para o interior da África Ocidental e ter sido considerada, por seus contemporâneos, um dos maiores fracassos britânicos no processo de ocupação do território africano. A expedição resultou em um amplo número de relatórios e relatos de viagem em diversas áreas. Apesar da rica produção de material derivada dos dois anos

¹ Doutoranda, University of Worcester - Institute of Humanities & Creative Arts, UW Studentship. Email: e.delgado@worc.ac.uk.

que ficou no interior do rio Níger e na costa da África Ocidental, circulando entre a baía do Benin e de Biafra, este artigo se restringirá apenas a dois relatos de viagem. Devido a riqueza de informações dos documentos produzidos e a impossibilidade de trazer uma minuciosa descrição dos infortúnios expedicionários, e tampouco uma análise profunda da agência dos nativos que cruzaram com essa extensa comitiva, no espaço desse artigo focamos na análise de discurso² das narrativas dos dois missionários enviados como parte da tripulação.³

Os dois relatos de viagem aqui trabalhados e entendidos como narrativas missionárias, foram publicados no ano de 1842⁴. Os relatos fazem parte de um único volume, recebendo o título geral de *Journals of the Rev. James Frederick Schön and Mr. Samuel Crowther, who with the sanction of Her Majesty's Government, accompanied the Expedition up the Niger, in 1841, in behalf of the Church Missionary Society*. Apesar de estarem na mesma publicação, os dois apresentam narrações distintas: um dos autores é o reverendo James Frederick Schön, alemão associado à *Church Missionary Society*, residente em Serra Leoa por oito anos antes de participar da *Niger Expedition* e o outro, o missionário Samuel Ajayi Crowther, um africano nascido na região iorubá, que foi capturado e vendido ainda criança, para servir como escravo, mas depois foi resgatado pela patrulha britânica, liberto e enviado para Serra Leoa, onde foi catequisado, como Africano Livre, dedicando-se, então, aos estudos religiosos.

O amplo universo de informações que essas duas narrativas trouxeram orientaram todo o processo de análise que seguiu um viés comparativo, empenhado na possibilidade de esmiuçar os acontecimentos descritos por cada autor em seu próprio diário. (BARROS, 2007:17) O que nos levou especificamente para tais diários de viagem sobre esta expedição ao rio Níger foi a possibilidade de comparar duas explanações que compõem o corpo principal do discurso missionário do século XIX, central para a produção de um conhecimento posterior sobre o continente africano. (GUALTIERI, 2002: 4)

O volume, na íntegra, totaliza 436 páginas e é dividido em “Conteúdo do relato de Rev. J.F. Schön”, com sete capítulos e “Conteúdo do relato de Mr. Samuel Crowther”, com três capítulos e quatro apêndices gerais. Sobre a apresentação deste último missionário, vale lembrar que seu nome de origem iorubá – Ajayi – não é mencionado em nenhuma parte da publicação.

² Para a análise de discurso os dois trabalhos de FOUCAULT (1992) e (2010); como o de PRATT (1999) e Said (1990) foram fundamentais, principalmente para a compreensão do lugar de fala de cada um dos autores.

³ Para uma análise mais detida e pormenorizada da *Niger Expedition* em si ver: DELGADO, Érika Melek. "Vencidos pela frebe? Uma análise comparativa através de relatos de viagem produzidos pela Niger Expedition ao interior da África Ocidental, 1841-1842".

⁴ Uma versão prévia deste artigo foi apresentada no Colóquio Internacional da Evangelização da África à África Evangelizadora, na Universidade do Porto, em outubro de 2013.

A narrativa encontrada em ambos os relatos está em primeira pessoa. Os autores dedicam-se à narração da viagem, como também, à descrição do cotidiano expedicionário.

Com uma visão geral de toda a obra, pode-se dizer que o missionário alemão focou sua narrativa nas descrições culturais, a exemplo os processos ritualísticos, vestimentas, adornos e vida em comunidade. Quesitos da prática religiosa, como também algumas reflexões sobre as políticas locais e assinaturas de tratados abolicionistas estiveram presentes no texto do autor alemão e ganharam importância em seu relato. A narração de Crowther, por sua vez, traz muito do dia a dia da viagem, voltada praticamente para as minúcias da expedição e principalmente sobre os acontecimentos internos do navio que embarcou, apresentando pouca descrição dos lugares por onde passaram. Descreve também as tentativas de catequização da população que encontrou pelo caminho, tendo, em poucos momentos, o missionário, desviado de tais tópicos.

Com um discurso bastante voltado para suas funções como “cristianizadores”, não foi possível encontrar nos dois relatos nenhum tipo de informação mais científica sobre a fauna e flora local. Destacamos este ponto, por ser a *Niger Expedition* uma das primeiras expedições que levou em seu corpo de tripulantes diferentes profissionais para o recolhimento das mais variadas informações. O Rev. Schön, em muitos momentos, mostrou-se interessado em propor questionamentos aos leitores, principalmente sobre assuntos que sabia não ser de sua alçada. Costumeiramente, iniciava sua reflexão e, em seguida, pedia permissão ao leitor para continuar com suas indagações, afirmando ao mesmo tempo não ser especialista em tal assunto. Samuel Crowther, diferentemente, não ousou produzir reflexões mais alongadas sobre assuntos específicos, sua narrativa é bastante pautada no dia a dia expedicionário.

O reverendo alemão afirmava seu desconhecimento sobre alguns assuntos, entretanto, por mais que acreditasse que não tivesse autoridade para desenvolver reflexões sobre algum tópico específico, afirmava a importância de colocar sua opinião e problematizar tais temáticas. Logo no início de seu relato, o missionário discute se aquele teria sido o melhor momento para subir o rio Níger, pois estavam em uma estação chuvosa, apresentando em seus argumentos os prós e os contras de informações que conseguiu recolher de nativos e concluindo que viajar neste período poderia ter sido um erro.

A produção de relatos, derivada da atuação dos religiosos em missões, era comum no século XIX, mas, distintamente dos diários de viajantes militares ou civis que escreviam para o seu conterrâneo – que tinham o objetivo de trazer ao leitor a descrição e suas aventuras – a publicação entre os missionários era imperiosa. A necessidade de publicar grande parte do

material produzido devia-se ao fato de viverem de contribuições financeiras voluntárias, ou seja, as edições eram o acerto de contas com os financiadores e também a propagação das atividades. “Se era para a missão em campo continuar suas operações de dia-a-dia, as sociedades missionárias em casa tinham de manter um fluxo regular de contribuições: dependência exclusiva de eventos espetaculares, como a *Niger Expedition*, não era suficiente.”⁵ (CURTIN, 1973: 324)

A relação entre publicidade e angariação de fundos era estabelecida pelos artigos que constituíam as Sociedades tanto religiosas quanto civis. A produção de um diário era parte obrigatória do trabalho do missionário que estava em campo. O objetivo apresentado era o de conectar o viajante evangelizador ao conjunto da Sociedade a que faz parte, enviando constantemente informações sobre o seu trabalho, sobre o desenvolvimento e expectativas religiosas alcançadas. Phillip Curtin (1973) menciona um excerto do artigo VIII da *Wesleyan-Methodist Missionary Society*, que fala sobre as “Instruções aos Missionários”, para exemplificar a importância de tais publicações dentro da política das sociedades religiosas. O historiador informa que a *Church Missionary Society* tinha um requerimento bastante similar, e que as duas formavam as Sociedades mais importantes da costa ocidental africana. O artigo citado dizia que:

É peremptoriamente exigido de cada Missionário em nossa Conexão para manter um diário, e para mandar para casa com frequência tais copiosos extratos disso como pode dar relato completo e particular de seu trabalho, sucesso, e perspectivas. De geral interesse para os amigos da Missão em casa; particularmente relatos de conversão... (WESLEYAN-METHODIST MISSIONARY SOCIETY 1827, xxi-xiv *apud* CURTIN, 1973: 324)

A partir de 1830, as duas Sociedades desenvolveram uma variação sistemática de publicações designadas a carregar suas mensagens para todos os grupos que lhes prestavam suporte. Relatórios anuais eram divulgados com um conteúdo mais teórico, propondo maiores reflexões. O *Church Missionary Intelligencer* da *Church Missionary Society* publicava *reviews*, artigos sobre o trabalho e método missionário, e contribuições teóricas sobre o campo. Geralmente, este tipo de publicação circulava entre os líderes do movimento missionário. Um segundo tipo, constituído para um público mais geral, era formado de periódicos e cartas com assuntos que tratavam do campo missionário em si, trazendo muitas vezes também as descrições literárias ou revisadas em um estilo mais popular. Desta forma, cada financiador da Sociedade poderia ter acesso a todo o tipo de atitudes vitorianas que prometiam erradicar o paganismo do continente africano.

⁵Adverte-se que todas as citações presentes neste artigo extraídas de livros, artigos e documentos em língua estrangeira foram traduções livres realizadas pela autora do texto.

No mesmo sentido, torna-se ainda mais popular a publicação dos diários de missionários para um público maior, ou seja, a todo e qualquer leitor. Em uma forma mais acessível de divulgação com a edição de cartas e relatos, o que diferenciava o diário dos outros materiais produzidos é que este não seria uma coleção de trabalhos desenvolvidos pela Sociedade, com um conteúdo sobre o campo missionário, mas sim, a narração singular de apenas um missionário ou a compilação de escritos, vividos por diversos membros da Sociedade. A narrativa sempre deveria estar envolta de um contexto de atitudes piedosas. Algumas dessas descrições eram reescritas para alcançar um público geral. Para Curtin as narrativas marcavam a necessidade de suas publicações:

O carregado argumento em todas as publicações missionárias populares, no entanto, foi para demonstrar a necessidade premente pela obra missionária. Eles insistiram na igualdade racial de todos os homens, mas também encaramos os piores aspectos do chauvinismo cultural (CURTIN, 1973: 326).

A afirmação acima corrobora nossas considerações sobre a importância de se propor uma comparação entre a narrativa missionária de um evangelizador alemão e de um africano livre. O personagem em questão, o missionário africano e ex-escravo de nação iorubá, é bastante complexo dentro deste universo expedicionário. Seu diário, publicado em 1842, segue as normas de um típico relato missionário. Sua explanação é estritamente conectada às suas funções religiosas, como a grande maioria desses relatórios. Entretanto, Crowther apresenta uma diferença, seu texto é sensivelmente menos fantástico que o de Schön. Para Curtin (1973) e Gualtieri (2002), possivelmente pelo fato do missionário ser um africano livre e ter vivido no continente até o momento da expedição, ele conseguia retratar uma imagem menos fantasiosa daqueles que encontrou no caminho, produzindo uma descrição menos permeada de elementos exóticos ou quiméricos. Crowther poderia oferecer assim, o retrato do nativo menos alegórico, no lugar de uma descrição mais caricatural.

Contudo, esse olhar menos fantasioso de Crowther não altera sua perspectiva, fundamentalmente ocidental, derivada de sua formação nas escolas missionárias de Serra Leoa. Samuel Ajayi Crowther representava o africano livre após a conversão, sendo ele um grande exemplo das ações britânicas na costa ocidental africana. Além de sua cristianização, sua vida também foi dedicada à expansão da cultura britânica pelo continente. A representação desta visão é citada por Curtin (1973) e Femi Kolapo (1999) como um fator importante nas produções missionárias. Assim, havia:

A imagem do "antes" caracterizada pela captura de escravos, o sacrifício humano, danças lascivas, cerimônias religiosas altamente sexuais, e os excessos de perversa

poligamia - aliás proporcionando uma leve excitação para manter o interesse do leitor. Por outro lado, a imagem do "depois" mostrou a leve e suave disposição dos africanos convertidos, o seu respeito pelos missionários brancos, a sua inocência infantil (CURTIN, 1964: 327).

Kolapo (1999) ressalta, que no momento em que ocorreu a *Niger Expedition*, as ações missionárias na África Ocidental ainda estavam sendo introduzidas. Os dois missionários representantes da *Church Missionary Society* tentavam promover no decorrer da expedição algo similar ao processo de evangelização que estava sendo desenvolvido em Serra Leoa. Por conta disso, a figura do africano convertido era ideal para o plano missionário, pois, ao mesmo tempo em que buscava criar uma familiaridade com os nativos, demonstrava o sucesso dos esforços missionários na busca da “civilização” para os leitores europeu. Afinal, quem deveria ser convertido eram os africanos, “os selvagens”, os outros, e não o europeu.

A permanência da ideia do “bom selvagem”, ao se referir ao africano, marca o período de uma narrativa pré-racial científica, que seria difundida em ampla quantidade a partir de 1863. Os africanos eram vistos como “naturalmente Cristãos”, a única coisa que lhes faltava era serem apresentados à essa fé portanto, o papel dos missionários seria tirá-los da “ignorância total”. Entretanto, ao mesmo tempo em que a literatura missionária preservava e estendia a imagem cristianizada do bom selvagem, sua etnografia levava um perfil pejorativo dos mesmos “selvagens” aos leitores europeus. Desta forma, é necessário o destaque a para a convivência dessas duas percepções no discurso missionário e no imaginário europeu. As fontes analisadas são exemplos desta polaridade. Para Curtin (1973), os missionários não foram unicamente os culpados por disseminar e aumentar uma “arrogância cultural” do público britânico, mas eles tiveram uma especial responsabilidade. Laura Franey (2003), Gualtieri (2002), Kolapo (1999) e Curtin (1973) comungam do mesmo pensamento que atribui a ação missionária no desenvolvimento do que viria a ser posteriormente a ideia científica de raça. Para Curtin “é difícil escapar à conclusão de que a deturpação sistemática da cultura da África na imprensa missionária contribuiu involuntariamente para o surgimento da arrogância racial, bem como da arrogância cultural” (CURTIN, 1973: 328).

A expedição, que saiu em maio de 1841 de Devenport na Inglaterra, com três navios, chegou em vinte e quatro de junho de 1841 na costa de Serra Leoa, sendo *Albert* o primeiro navio a chegar ao porto de Freetown. Enquanto aportava, os outros dois navios foram avistados, o amplo *Wilberforce* e o ligeiro *Soudan*. Os três navios ancoraram em Serra Leoa para buscar parte de sua tripulação, que seria formada de Africanos Livres, e dos dois últimos principais

tripulantes da expedição: os missionários Rev. Schön e Mr. Samuel Ajayi Crowther, ambos escolhidos pela *Church Missionary Society*.

Entretanto, quando finalmente começaram a se organizar para partir, o missionário africano recebeu uma notícia que, segundo ele, modificaria imensamente todo o preparo feito para a viagem: seu navio não seria o mesmo que o do Rev. Schön, que iria a bordo no *Wilberforce*. Crowther foi alocado no pequeno *Soudan* e por todo seu relato lamentou esta decisão tomada pelo capitão da expedição.

O acontecimento lastimado por Crowther corrobora uma visão que nos foi apresentada pelo prefácio da edição dos diários, ou seja, a existência de outros objetivos lançados pela *Church Missionary Society*, externos aos apresentados pelo governo à expedição. Um dos pontos relevantes da Sociedade para a necessidade da viagem ser feita em conjunto seria o desenvolvimento de um trabalho de grupo entre os missionários, para a captação de um maior número de línguas faladas no interior do rio Níger. Vale ressaltar que, em muitos momentos, os três navios não seguiam o percurso simultaneamente, em alguns até adotaram rotas distintas.

Dessa forma, é com esta configuração que a Expedição de 1841 segue para o Delta do rio Níger. Crowther reclama que foi alocado no navio entre os maquinistas, um lugar não tão propício para reflexão e escrita, como ele mesmo identificou. A alocação do missionário africano na embarcação *Soudan*, logo no início da expedição, sugere que o tratamento não foi congênere para ambos os enviados da *Church Missionary Society*. Schön viajou os primeiros dias a convite do capitão Trotter no navio *Albert* e, ao chegar no Delta do Níger, ocupou uma cabine no navio *Wilberforce*.

Para que avancemos em nossa análise, é preciso considerar, para além da campanha expedição em si, a sua idealização. A Expedição ao rio Níger foi arquitetada e desenvolvida durante um período de aproximadamente quatro anos, e seguiu patrocinada tanto por capital privado, com o apoio de casas de comércio e banqueiros do centro de Londres, quanto por fundos públicos. Recebeu também o apoio de organizações da sociedade civil, como a *African Civilization Society*, a *Agency Anti-slavery Society*, a *Anti-Slavery Society*, esta última por um curto espaço de tempo. Teve, ademais, o auxílio de organizações religiosas britânicas como a *Church Missionary Society*, a *British and Foreign Bible Society*, a *Baptist Missionary Society*, entre outros grupos. O principal mentor da expedição foi o parlamentar Thomas Fowell Buxton que, em 1837, apresentou ao parlamento os primeiros traços do seu plano expedicionário para a África Ocidental. Como justificativas iniciais, Buxton expôs as seguintes demandas: (1) o combate ao

tráfico atlântico de escravos; (2) o desenvolvimento do “comércio legítimo”; e (3) o extermínio do comércio de escravos no interior do continente.

Os objetivos, bem como a estrutura da expedição, foram largamente discutidos nos anos de 1839 e 1840, quando o projeto deixou o papel para começar a ser executado. Documentos oficiais, como os *parliamentary papers*, permitem afirmar que em 1º de junho de 1840, no primeiro encontro geral da *African Civilization Society*, a *Niger Expedition* foi o principal assunto debatido. Buxton recebeu o aval e apoio de praticamente toda a Sociedade e principalmente do Príncipe Albert, que neste dia foi nomeado presidente da Sociedade. O Primeiro Ministro, Lord Melbourne, que foi apresentado ao empreendimento anteriormente, apoiava-o apesar de não concordar com Buxton sobre o fracasso das ações do esquadrão britânico no combate ao tráfico de escravos na costa da ocidental africana. Segundo Melbourne, o esquadrão inglês teve sucesso em suas incursões, visando à captura de navios que transportavam ilegalmente escravos para as Américas. O maior desentendimento entre o Primeiro Ministro e Buxton diz respeito à culpabilidade britânica pelo horror da escravidão. Howard Temperley (1991: 23), estudioso do combate britânico à escravidão em África, afirma que para Melbourne: “A ideia de que a Grã-Bretanha era de algum modo moralmente responsável pelo que aconteceu naquele continente ‘enorme e bárbaro’ lhe pareceu absurda”.

Ainda que o plano expedicionário tenha sofrido públicas críticas - principalmente pelo jornal *The Times* - ele seguiu adiante e o programa traçado, que constantemente se auto-afirmou humanitário, apresentou cinco objetivos principais, que deveriam ser cumpridos, imperativamente, pelos participantes envolvidos. Podemos destacá-los a partir da análise dos 50 pontos presentes na carta de Lord John Russell, *Home Secretary*, aos comissários reais em 30 de janeiro de 1841. O primeiro e mais importante objetivo era o de conseguir a assinatura de tratados com os chefes africanos para por fim ao comércio de escravos. Para Buxton, a presença do esquadrão britânico na costa não tinha surtido um real efeito, transformando, segundo ele, uma atividade que anteriormente era legal em ilegal apenas. O planejamento era que a expedição, ao contrário, atuaria no interior do continente, onde se daria a captura de indivíduos, atacando de acordo com ele a raiz da escravidão. Com a assinatura dos tratados para o fim do comércio de escravos pelos chefes africanos do interior, os atravessadores e os europeus, que ainda participavam do tráfico atlântico, não teriam mercadoria para transportar.

O segundo ponto de extrema importância para o autor do projeto era a realização de acordos econômicos com os chefes africanos. Buxton afirmava que, com o fim do comércio de

escravos, os estados africanos desenvolveriam o “comércio legítimo”. Esse se daria através da disponibilização de produtos manufaturados para a África e da produção e plantação de *commodities* de interesse inglês pelos africanos. Para John Gallagher e Ronald Robinson (1953), o plano de Buxton para a *Niger Expedition* foi um dos mais explícitos aspectos da nova política britânica para a África, e o desenvolvimento do que viria a ser chamado por alguns historiadores de Império Informal⁶.

O terceiro objetivo se concentrava na anexação de territórios. Buxton, neste quesito, enfrentou fortes críticas não apenas de seus desafetos, mas também de seu maior apoiador, John Russell, que era o representante Real à frente do projeto expedicionário. Buxton pediu que se criasse um enclave de aproximadamente cem quilômetros quadrados no qual o trabalho assalariado pudesse ser usado, com o intuito de servir como modelo de outra possibilidade de mão de obra para os africanos. Neste território, que rogariam as leis britânicas, a lógica africana não vigoraria, sendo primordial a cristianização de seus residentes. Caso isso não fosse possível, o parlamentar estaria disposto a aceitar a escravidão no interior da África como uma melhor alternativa à continuação do tráfico de escravos para as Américas, assumindo com isso a fragilidade britânica perante a impossibilidade de atuar em diversas frentes, no interior e na costa. Russell, com o intuito de adiar a anexação de um novo território na África Ocidental, propôs apenas a criação de uma fazenda modelo, que serviria como um espaço de experiências de trabalho livre, no cultivo de *commodities* de interesse britânico.

A evangelização e “civilização” dos povos africanos constituíam o quarto objetivo. Buxton, como membro da *African Civilization Society*, acreditava que, ao promover o conhecimento cristão, tiraria a África Ocidental de sua “escuridão total”, levando, assim, noções de civilidade para o “ignorante africano”. A carta, que deveria ser apresentada aos chefes africanos antes da apresentação do tratado para o fim do comércio de escravos, fala de um Deus cristão que não concorda com a escravidão e principalmente com sacrifícios de humanos e animais. A presença de missionários, portanto, foi indispensável para chegar à esse objetivo planejado.

Deste modo, de acordo com os idealizadores da expedição, se todos esses quatro pontos anteriores fossem alcançados, poderiam, ao final, apresentar ao chefe africano a possibilidade de

⁶ Esse conceito foi apresentado primeiramente por ROBINSON, Ronald e GALLAGHER, John (1953), com argumento geral de que a Grã-Bretanha desfrutou de uma política informal de influência sobre os países que eram economicamente dependentes dela. Para mais informações, ver: EHRENSAFT, Philip (1972); CURTIN, Philip (1973); GREEN, William (1974); HEADRICK, Daniel (1979).

termino do trabalho escravo em si. O objetivo não era apenas o fim do comércio atlântico, mas o fim da escravidão também no interior. Esta proposta deveria ser a última apresentada, pois neste momento, para a *African Civilization Society* e para a Coroa, apesar deste quinto objetivo ser um dos focos principais, o sucesso dos quatro anteriores era de maior interesse.

Com essas diretrizes, o plano da expedição britânica foi apresentado ao público como uma ação cujo objetivo principal seria “levar a paz para a África”. Transformariam a região por meio de atitudes com teor “civilizante”, propondo um “comércio legal”, a conversão dos povos ao cristianismo e, principalmente, propondo a assinatura de tratados que extinguissem o comércio de escravos. Buxton afirmava que estas ações trariam números mais positivos do que aqueles referentes aos trinta anos precedentes, os quais a frota naval britânica esteve atuando na repressão ao tráfico atlântico de escravos na costa da África Ocidental. Afirmava com isso que não ficariam no espaço do traficante de escravos, mas atacariam as raízes da escravidão, seguindo para o interior onde o comércio se iniciava, penetrando no “coração africano”:

Isso significaria persuadir os próprios africanos, em vez de atacar uns aos outros, desenvolver os recursos agrícolas e comerciais com os quais a África foi tão amplamente dotada. Também significaria a introdução de missionários, professores, agricultores e comerciantes; acima de tudo, o cristianismo (TEMPERLEY, 1991: 4).

Foi escorada nesta argumentação e norteadada por estes objetivos que a *Niger Expedition* se formou. A comitiva participante compunha um novo modelo expedicionário, levando um extenso número de tripulantes. Foram, ao todo, 145 europeus, entre oficiais, civis, engenheiros, fogueiros e a tripulação em si, composta por suboficiais e artífices, com alguns poucos marinheiros e fuzileiros navais e um pequeno grupo de sapadores, mineiros e os dois missionários. Entre os homens que foram considerados *coloured*, havia um civil americano, 24 que embarcaram na Inglaterra e 108, embarcados na costa de Serra Leoa, grande parte deles eram africanos livres, recrutados pelo missionário Schön para atuarem como intérpretes.

É interessante pensar na participação dos missionários também como um empreendimento à parte para a *Church Missionary Society*. Seu papel a bordo destas embarcações, além da elaboração dos diários para a Coroa Britânica, foi o de angariar informações, no senso mais *lato* possível. Para além das descrições do dia a dia da expedição, das relações travadas com os chefes e habitantes locais com quem cruzaram no caminho e as observações mais pontuais sobre o fechamento dos tratados, tudo que interessava diretamente à Coroa era anotado e catalogado. Depreende-se daí, um dos tópicos com a maior atenção dedicada por eles, a discussão da viabilidade de estabelecimentos missionários em determinadas regiões. Havia a

reflexão constante sobre a pertinência de preparar educadores religiosos africanos, para que estes seguissem fazendo o trabalho religioso no interior e, sobretudo, ao considerar sua interiorização no continente, relativamente mais fácil do que para os europeus.

Deste modo, a preocupação, tanto de Schön quanto de Crowther, de mapear as línguas africanas, ao mesmo tempo em que atendia uma expectativa da Coroa - de conhecer para controlar - cumpria uma parte indispensável do reconhecimento do território e das diversas realidades, a fim de, em futuro próximo, estabelecer ou não, assentamentos religiosos em tais lugares. Esta dupla subjetividade dos missionários, em nenhum momento ambígua, revela-se, entretanto, um elemento indispensável para a comparação que traçamos entre os relatos produzidos. Contudo, percebe-se, uma atenção mais contida de Crowther e Schön aos elementos do cotidiano dos povos encontrados ao longo da expedição. Porém, em outros momentos, as narrativas tornam-se bastante etnográficas, sendo assim utilizadas na compilação do que viria a ser a “publicação oficial” da *Niger Expedition*⁷.

Na documentação analisada foi possível verificar as diversas estratégias adotadas na tentativa de concluir, positivamente ou não, sobre o treinamento de nativos para se tornarem professores de religião. O domínio da língua foi obstáculo e condição para o avanço deste plano. Crowther, por exemplo, informou que aos domingos - *Lord's Day*, como ele chamou - usualmente atuava como clérigo. Sobre o dia 11 de julho de 1842, comenta: “Eu tive o prazer de fazer um estudo para ensinar a um *Kroomen* o alfabeto; enquanto o Sr. Kingdon, o professor, tomou lições da Bíblia dos Marinheiros”⁸ (SCHÖN & CROWTHER, 1842: 263).

Ao final do mesmo mês de julho, após ter vivido pela primeira vez a experiência de ouvir um sermão através de um intérprete⁹, o que considerou uma experiência bastante interessante para ele e especialmente difícil para o intérprete, Crowther faz uma significativa consideração sobre a atuação dos missionários e o fundamental controle dos idiomas:

O plano de estudar a língua do povo, e traduzir as Escrituras para esta língua, deveria ser adotado imediatamente por todos os missionários enviados ao mundo pagão.

⁷Aqui nos referimos ao relato de William Allen e Thomas Thomson, comissário real e médico assistente, respectivamente, da *Niger Expedition*. Conseguimos perceber que os autores utilizam em alguns momentos os escritos de Schön para legitimar seu discurso. Ver ALLEN & THOMSON, V. 1 e 2 (1848).

⁸ Todas as fontes citadas estão originalmente em inglês do século XIX. Portanto, se necessário lembrar que as traduções das mesmas foram feitas pela autora do artigo de forma livre, tentando ser o máximo fiel a versão original.

⁹ Em julho de 1841, quando o *Soudan* passava por Cape-Coast, Crowther teve a oportunidade de assistir a um serviço religioso do Reverendo inglês T.B. Freeman, pertencente à outra sociedade missionária, a *Wesleyan Missionary*. Segundo Crowther, toda a organização seguiu o modelo anglicano, que fora traduzido por um intérprete que se revezava no púlpito com o ministro e traduzia cada sessão do culto para a língua local, o Fanti. (SCHÖN & CROWTHER, 1842: 266-267).

Embora este seja um trabalho tedioso e difícil, uma vez que leva anos para trazê-lo à perfeição, ainda, uma vez que a fundação é definida, as pedras do topo seguirão umas às outras até que o trabalho for concluído, para a grande vantagem das pessoas e a facilidade dos êxitos Missionários (SCHÖN & CROWTHER, 1842: 268).

É importante destacar que Samuel Ajayi Crowther se dedicou a tradução da bíblia cristã protestante não apenas para o iorubá, mas também para outros idiomas africanos como o igbo e nupe. Crowther começou em 1841 suas funções como missionário em Serra Leoa. O viajante foi o único africano participante da expedição a escrever e publicar um relato, como também ter uma posição hierárquica mais próxima a dos europeus¹⁰. O alemão Schön produziu com Crowther registros sobre os idiomas da região, principalmente sobre o Haussá.¹¹

Para compreendermos melhor o lugar dos missionários na expedição, é importante que destaquemos alguns traços peculiares à trajetória de Crowther que, a nosso ver, podem ajudar a explicar algumas das diferenças entre os discursos produzidos pelos dois religiosos. A presença de Samuel Crowther na *Niger Expedition* foi organizada pela *Church Missionary Society* com um objetivo específico: a possibilidade de levar um exemplo do resultado das ações missionárias inglesas para o interior da África Ocidental, bem como trazê-lo para o conhecimento dos membros da Sociedade na Europa – lembrando que estes eram os financiadores da expedição e das missões.

Crowther era, naquele momento, um catequista que, além de acompanhar o empreendimento, ainda corroborava com todos os objetivos propostos tanto pelo governo britânico como pela *Church Missionary Society*. O relato de Crowther representou, para a *Church Missionary Society*, uma resposta pública e, digamos, positiva à experiência britânica na África Ocidental. Com a presença do africano e de suas reflexões, a Sociedade tinha ainda mais respaldo para suas novas investidas e uma contra-argumentação a todos aqueles que criticavam a presença tanto do esquadrão britânico na costa quanto das missões no continente, já que Crowther era o resultado de ambas as ações.

O missionário africano, em todo seu relato, agiu como a grande testemunha das benfeitorias dos britânicos. Ao descrever Serra Leoa, o faz como se fosse um grande paraíso e, nesses momentos, sua autoridade, como um africano livre, que também esteve no estado de escravidão, toma uma dimensão muito importante e evidente na narrativa. Nos anexos de seu diário encontramos uma carta que é escrita a pedido da *Church Missionary Society* descrevendo o

¹⁰ Para uma discussão mais específica sobre o lugar de fala de Samuel Ajayi Crowther ver: GUALTIERI, Claudia (2002) e MURPHY, L. (2009).

¹¹Grafia encontrada na documentação: Haussa, Hausa. Em português, Haúça, Hauçá ou Haussá.

dia de sua captura. Também há uma carta enviada à Sociedade, em que o autor do relato explica sua narrativa e apresenta reflexões finais sobre a presença britânica em território africano. Em ambos os documentos, um pequeno texto que os introduz reforça a importância de trazer o olhar do africano para a expedição, mas ressalta que esse olhar deveria partir de um africano ilustrado. “É interessante, também, como detalhamento dos pontos de vista de um nativo sobre os resultados da *Niger Expedition*, e sobre a forma mais adequada para promover a evangelização e da melhoria social de seus compatriotas” (SCHÖN & CROWTHER, 1842: 347).

Ademais, é possível encontrar, nas últimas linhas da introdução à carta de Crowther que narra sua captura e venda, a transformação do catequista em um “garoto propaganda” do projeto britânico para a África Ocidental, pois, de acordo com suas próprias palavras, o religioso sentiu-se abençoado por ter conhecido os ensinamentos cristãos desde o resgate realizado pelos ingleses. De acordo com Curtin (1973), esta afirmação não deve ser lida com espanto, pois sociedades religiosas utilizavam documentos como estes para apresentar o fruto de suas ações. “Um tema ainda mais comum mostrou os africanos antes e após a sua conversão, muitas vezes de uma maneira que tirou vantagem sobre o saldo anterior de virtude e vício no ‘caráter Africano’” (CURTIN, 1973: 327). O que temos na declaração de Crowther é uma explanação feita aos moldes cristãos, que ao relatar sua saga, a transforma em um exemplo de redenção.

Crowther, portanto, cumpriu com o papel que lhe foi destinado: o de colaborador dos planos britânicos. Apesar de sua narrativa ser rica para a percepção das tensões existentes entre os participantes da expedição e os habitantes do território visitado, os escritos do missionário foram ignorados pelos outros participantes. A argumentação do religioso é utilizada apenas para corroborar a necessidade da interferência britânica na lógica cultural e econômica das sociedades africanas. Em suas palavras: “[A] Grã-Bretanha está disposta a fazer o que puder pela África, mas os obstáculos são muito grandes, por causa da insalubridade do clima” (SCHÖN & CROWTHER, 1842: 349).

Portanto, percebemos que não encontraremos na carta e no relato do missionário apenas a narração da vida de um menino iorubá comercializado como escravo, mas também um exemplo positivo de como a intervenção britânica no tráfico de escravos surtiu “reais efeitos”. O papel desenvolvido por Crowther, com isso, encerra uma pequena amostra do que pode ser percebido na expedição como um todo. Falamos, aqui, de uma postura britânica que se refere

ao fim da escravidão como um processo que vai muito além da abolição, pois a liberdade desses homens não era questionada sozinha, mas era casada ao todo aparato britânico necessário para se construir as bases do que eles chamavam de “civilização”.

Cabe destacar que neste momento os vetores da civilização em África eram os britânicos, não os europeus como um todo. A figura do português, por exemplo, é citada para mostrar que ainda existiam nações europeias que não lutavam pelo “bem” da África. Em várias passagens da narrativa se cria uma clara distinção entre o “bom” inglês que intercepta o navio escravo português, e o “mau” português que continua com tráfico de homens. O que é importante perceber nos argumentos de Crowther, é que estes culpabilizam as estruturas sociais africanas pelo comércio de escravos e por toda a violência promovida. A autoria europeia é, neste momento, lida de maneira diagonal, mas não é anulada, já que o português, ainda comerciante de escravos, era associado ao credo católico, assinalando assim a superioridade cristã protestante.

Outra peculiaridade das narrativas missionárias aqui analisadas é a falta de interesse na complementaridade de informações entre os dois autores. Acreditamos que era muito mais interessante para a *Church Missionary Society* o resultado de dois diários, pois cada um cumpriria o seu papel na Sociedade. À medida que Schön – linguista, tripulante do navio *Wilberforce* e convidado constante do navio *Albert* – pode participar de todos os encontros oficiais da *Niger Expedition*, Crowther, que viajou no *Soudan*, como teve seu itinerário vinculado à permissão do Capitão Bird Allen para deixar o navio e, pela posição que ocupava na tripulação, sua presença não estava associada a nenhuma cerimônia oficial. Destacamos, também, que, apesar de o missionário africano citar constantemente Schön, a recíproca não acontecia, pois a figura de Crowther praticamente inexistia na narrativa do missionário alemão. Entendemos, portanto, que os dois missionários não formavam uma dupla com o objetivo de produzir um trabalho conjunto em nome da *Church Missionary Society*, apesar de Crowther acreditar, pelo menos no início da expedição, no oposto. Ao descobrir que não viajaria ao lado de Schön, comentou: “O Rev. J F Schön e eu sentimos essa separação, especialmente porque tínhamos pensado que deveríamos estar juntos, a bordo do ‘Albert’, para prosseguir nosso estudo da língua haussá” (SCHÖN & CROWTHER, 1842: 259).

Os dois relatos apresentam características narrativas diferentes. O missionário alemão poucas vezes descreve o espaço à sua volta: a geografia só é realmente tratada quando conectada às ações humanas ou quando se torna um grande problema para a expedição, a exemplo do

clima que ele considerou “predatório”. O olhar do missionário está voltado para o africano e para sua relação com as crenças e costumes. Os habitantes das diferentes regiões que encontrou são sempre comparados uns aos outros e, na maioria das vezes, qualificados (mais inteligentes, mais pagãos, mais educados...). Como as duas maiores questões para Schön eram o fim da escravidão e a conversão dos povos, sua narrativa segue essa lógica. A narrativa do missionário alemão é marcada por um tom mais folclórico que o autor tenta imprimir às diferentes populações com que teve contato. Com descrições que levam o leitor a crer na ingenuidade ou até na estupidez africana, trouxe, ao final, uma conclusão banal que só alimentou os estereótipos africanos que rondavam a Europa naquele período.

Eu mais uma vez senti o nervosismo que eu mencionei antes, e foi incapaz, por algumas horas após o acidente tinha acontecido, de me recompor o suficiente para ser capaz de ler ou escrever. Foi muito angustiante para testemunhar as lutas do pobre homem por vida, e ainda afundar e morrer. Nenhuma outra impressão se destina a ser transmitida, do que ele estava em um estado de delírio, não consciente do que ele estava fazendo. Anseio por dias melhores, e para uma mudança em nossa condição. [...] A dor do corpo, da angústia mental, fraqueza, dor, chorando e chorando, nos cercam por todos os lados. Os saudáveis, se assim podem ser chamados, são mais como sombras caminhantes do que homens de empresa. Verdadeiramente África é um país insalubre! Quando sua redenção vai se aproximar! Toda a habilidade humana é confundida - todos os meios humanos são insuficientes. Perdoa-nos, ó Deus, se deles temos dependido, e sidos esquecido de Ti; e deixe a luz do Teu rosto novamente brilhar sobre nós, para que maneira sejamos curados.!” (SCHÖN & CROWTHER, 1842: 213,214).

À vista disso, buscando classificar ambos os relatos estudados, poderíamos apontar o de Crowther como o mais minuciosamente descritivo e permeado de marcas autorais, já o de Schön, consideramos que conserva certo traço autoral, mas que se destaca, sobretudo por constituir uma narrativa sensivelmente mais reflexiva da expedição em si. A exemplo, ao passarem por um lugar chamado *Little Ibo*, um homem igbo foi a bordo do navio *Wilberforce*, e Schön descreveu o encontro, que aconteceu em 23 de agosto de 1841:

Simon Jonas, nosso intérprete igbo, e eu, tivemos uma conversa com ele: a partir da qual colhemos, que não havia muito tráfego de escravos transportados naquele momento, e as pessoas estavam prioritariamente empenhadas na preparação de óleo de palma. Ele não expressou nenhum pequeno grau de surpresa quando lhe foi dito pelo intérprete que ele mesmo tinha sido feito de escravo, mas havia sido libertado e bem tratado pelos Ingleses. O homem igbo dificilmente poderia acreditar nisso. Ele tinha até então acreditado que os escravos eram comprados por pessoas brancas para serem mortos e comidos, e que o seu sangue foi usado para fazer pano vermelho. Esta noção é muito prevalente entre eles (SCHÖN & CROWTHER, 1842: 42).

Com relação ao carácter do relato de Samuel Crowther, percebemos que o autor apresenta uma narrativa próxima a dos relatos de viagem britânicos anteriores ao seu. O autor, como Schön, não se ausenta da descrição e, também em seu relato, as características geográficas

e a fauna e flora local são praticamente ignoradas. Uma especificidade de Crowther é, aliás, o pouco interesse pela febre. Vale ressaltar que a “febre” foi considerada pelo discurso oficial a maior adversidade enfrentada pela expedição resultando no falecimento de 35% da comitiva europeia. Sendo um dos temas centrais de parte das narrativas produzidas pela expedição, dentre elas o relato de Schön. O missionário narra as doenças e as mortes, mas, diferentemente dos outros autores, não apresenta elucubrações sobre esse tópico. Podemos perceber que Crowther tratou a febre como uma dentre outras dificuldades que a expedição enfrentou, não sendo necessário a este tópico dedicar uma maior reflexão. O relato é minuciosamente descritivo e permeado de marcas autorais e, apesar de reproduzir a imagem estereotipada do continente, não se aproxima do tom folclórico utilizado por Schön. O missionário em nenhum momento se identificou com aquilo que observou e como o fim da escravidão e a cristianização foram os motes de sua narrativa, aqueles habitantes nada tinham de semelhante ao religioso cristão. Ao narrar a passagem pelo território Brass, em 23 de agosto de 1841, o missionário faz algumas observações sem maiores reflexões:

Muitos nativos fizeram a sua aparição, e vieram até nós em suas canoas, alguns estando vestidos com casacos de velhos soldados 'e bateristas', tendo em comum um velho chapéu preto. Você dificilmente pode imaginar o aspecto que eles tinham nesses vestidos, tendo nem camisa, nem calça, com a exceção de um pedaço de pano ou um lenço em volta da cintura. Como seus casacos vermelhos e vistosos, eles tinham um grande orgulho de seus vestidos extravagantes. A bandeira azul, com números fantásticos do homem, macaco, garrafa, etc., estava voando em uma de suas canoas. Eles não tinham medo de nós; pois eles vieram por vontade própria, com suas notas de recomendação dos Capitães de barcos anteriores (SCHÖN & CROWTHER, 1842: 278).

O relato de Schön não deixa de apresentar a clara preocupação da igreja, e também do governo britânico, na construção de uma nova imagem do homem vitoriano, de tal forma ao afirmar que esse era um dos objetivos da expedição. Para o missionário, era necessário explicar que a Inglaterra passou por uma redenção, pois era claro que continuava confuso para os africanos acreditar que homem branco, e nesse momento fazendo referência a todos os comerciantes de escravos europeus ou das Américas, que antes afirmava que africanos deveriam ser vendidos, agora agia para que o comércio fosse proibido. Para Schön, fazia-se necessário explicar que não eram todas as nações europeias que apoiavam a mão de obra escrava; a Inglaterra, ao contrário, combatia há alguns anos o fim dos “horrores da escravidão”. Para o missionário esta distinção era vital, pois muitos africanos “ardilosos” se valeriam da compra de outras nações para justificar a permanência da venda de escravos:

Eu sempre observei, que sempre que os motivos foram explicados a eles por que a Inglaterra ou os ingleses atuavam em seus esforços para abolir o comércio de escravos, cada defensor deste tema foi silenciado, e aqueles que antes tinham defendido que estaria diante de nós condenado em sua própria consciência dos crimes da mais negra matiz, e faria corar tanto quanto os negros podem corar. ‘Nós não sabemos mais’ eles muitas vezes diziam: ‘mas até agora nós pensamos que era assim Deus queria, que as pessoas negras devessem ser escravas das pessoas brancas. Pessoas brancas primeiro nos disseram que deveríamos vender escravos para eles, e que nós vendemos, e as pessoas brancas estão agora a dizer-nos para não vender escravos, e nós não vamos vendê-los novamente’: e, como outro justamente acrescentou, ‘Se as pessoas brancas desistirem de comprar, as pessoas negras vão desistir de vender’ (SCHÖN & CROWTHER, 1842: vii-viii).

A narrativa de Schön perante a febre recebe um tom bastante religioso, que se difere especialmente da narrativa proposta por Crowther, que em nenhum momento conecta a febre a situações de horror, tampouco de clemência a Deus. Apesar da febre não ser o foco principal da narrativa do missionário alemão, ela ocupa grande espaço e sua fala é recheada de situações de desespero e desequilíbrio mental, em alguns momentos por parte do autor do relato, em outros, por parte dos homens que contrairam a doença. Para o antropólogo Johannes Fabian (2000), eles estariam “fora de si” - “*Out of our minds*”:

Todos nós ficamos perturbados ontem à noite pela doença de vários dos nossos companheiros, mas especialmente por um, que, em um estado de delírio, continuou fazendo um grande barulho até uma hora da manhã. Na sala de armas, que cercaram o leito de morte do tenente Stenhouse, esperando a cada momento para vê-lo render o seu espírito a Deus que o deu. Ele estava parcialmente delirante, mas havia um grande contraste em sua conduta ao do outro. O primeiro exclamou: “Estamos todos condenados - todos nós estamos perdidos - Deus Todo-Poderoso disse isso!”, enquanto que o tenente era tão dócil e manso como um cordeiro, e suas expressões traído da tristeza por causa do pecado, e às vezes indicando algum gozo das consolações do Evangelho. Ele disse: ‘Deus tem sido misericordioso para comigo’ - ‘Cristo morreu por mim’ - ‘Venha o teu reino’ Segurando a minha mão, ele disse: ‘Deus te abençoe! Deus esteja com você! Muito obrigado’ (SCHÖN & CROWTHER, 1842: 199, 200).

Crowther, por sua vez, tratou a febre como um impedimento para a expedição, mas não devotou a ela todos os problemas enfrentados pelo grupo. Vale ressaltar, o alto número de pessoas que sofreram com a disenteria - que, de acordo com Fabian (2000: 62) e também de nossas leituras prévias de outras viagens pela África Ocidental - foi uma das principais causadoras das mortes entre europeus, até mais do que a febre.

Dessa forma, percebemos que, para Schön, a febre é, sim, um problema, mas ele a relaciona estritamente ao europeu. Para a cristianização e “civilização” do espaço, ela não poderia ser uma barreira com a iniciativa de evangelização de professores nativos de áreas distintas, pois, assim, para o religioso eles não teriam o impedimento que o europeu sofria. Esse “professor nativo” poderia sobreviver à febre e, o melhor, além de levar a cultura britânica também produziria um material cristão em seu próprio idioma, argumento forte na narrativa de

Crowther, e aumentando, assim, os pontos de influência da palavra divina. Concluímos, com isso, que, para Crowther, a insalubridade tão repetidamente narrada por todos os autores em nenhum momento mostrou-se um grande obstáculo, visto que isso implicaria um novo tipo de infiltração do continente, feita pelos próprios africanos, que, até aquela altura, não era o maior desejo de Schön. Porém, foi o que se mostrou como sendo o melhor caminho.

O temor pela febre levou Schön a modificar em grande parte o seu discurso. Em situações, que classificadas como de “grande estresse”, o missionário alemão afirmou que os missionários europeus nada poderiam desenvolver naquele espaço e, por isso, a possibilidade de expansão da fé cristã juntamente com o “vigor” da civilização estariam abalados. Seu discurso é polarizado, equilibrando-se entre esperança e pessimismo. Se em várias circunstâncias sua “fé” trouxe a expectativa de uma oportunidade para o avanço dos ensinamentos do evangelho, em outras, a total descrença de que pudesse sair vivo da empreitada.

Inicialmente, Schön, diferentemente de Crowther, acreditou que os ensinamentos da religião cristã e cultura europeia deveriam ser passados pelas mãos dos missionários europeus, que estavam em território africano para “demonstrar todo o seu amor ao evangelho”. Porém, após os primeiros surtos (de febre e psicológicos), o missionário começou a modificar sua opinião, afirmando, ao final de seu relato, que a melhor forma de levar os ensinamentos de Deus para o interior do continente seria por meio da formação de professores nativos, que já estariam acostumados ao clima e aos costumes. Portanto, no último capítulo de seu diário, Schön apresenta sua argumentação, que reserva tons de rispidez aqueles cristãos europeus, que não aceitariam um homem branco, defendendo a possibilidade de cristianização por meio das “*black hands*”:

O modo de vida entre europeus e nativos é muito diferente. Os nativos vivem com inhame, cebola, peixe seco, caracóis, milho, cerveja feita do milho da Guiné, e, mas raramente de alimentos de origem animal. Mas por que não os Missionários podem viver assim também? Eu sei quais são as opiniões de muitas boas pessoas na Europa sobre o assunto. Muitos considerarão o missionário como carnalmente inclinado por mencionar tais coisas como dificuldades e obstáculos em seu caminho, e que, no julgamento de sua obra de fé e trabalho de amor, deveria suportar todas as coisas, e arcar com todas as coisas. Tudo o que eu diria, em resposta a esses amigos, é isso, que ninguém pode se sentir mais angustiado sobre estas coisas que provaram verdadeiras dificuldades no caminho da propagação do evangelho do que o próprio missionário, e de bom grado que eu iria pintar a minha pele de preto, se isso significasse que eu seria capaz de viver com os alimentos do homem negro, e me expor aos raios de seu sol escaldante, a sua forte chuva, e suas habitações pantanosas, com o mínimo de risco de vida, como ele mesmo. Mas a experiência pessoal e de observação me convenceu de que é impossível para os europeus viver como as pessoas negras fazem. Sua força em breve iria embora; seus postos seriam abandonados, nada se ganharia, mas cada coisa se perderia. Na verdade, tenho certeza de que seria tão mais fácil fazer peixes viverem no ar, e pássaros na água, do que pessoas brancas, em geral, a viverem no estilo de

homem negro. Eu considero as observações para, embora não necessariamente pertencentes a um relato, como um conhecimento que todas essas coisas são necessárias, e merecem a devida consideração, por cada Sociedade Missionária, antes que novas estações sejam determinadas (SCHÖN & CROWTHER, 1842: p. 217-218).

De acordo com Fabian (2000), esse tipo de argumentação nunca seria permitido em um relato patrocinado pelo governo britânico. Schön ao produzir essa narrativa se encontrava não sob o efeito da febre, mas do estresse que todo o aparato expedicionário produzia em seus viajantes como argumenta Fabian (2000). Essa constatação acima, feita por Schön e aprovada pela *Church Missionary Society* para publicação, é apresentada como uma introdução à nova política de cristianização, que começaria a ser adotada para a África. Nos parágrafos introdutórios do prefácio aos relatos dos missionários, o texto informa que, para a Sociedade, a *Niger Expedition* não foi um fracasso, enumerando, assim, várias atitudes que começaram a ser tomadas após a experiência vivida por seus dois enviados. Curtin (1973) fala-nos de um novo momento das missões europeias, que começava a cada vez mais transferir ao africano o posto de evangelizador, abrindo mão, de certa forma, do controle absoluto sobre vários espaços, como tentativa de alcançar novos territórios.

Isso posto, o que também devemos levar em consideração, como uma característica de cada uma das narrativas, é a data de publicação dos relatos de Crowther e Schön vindo a público no ano de 1842, segundo ano da expedição, que oficialmente durou até novembro de 1842. Precisamos destacar, então, que os diários de Crowther e Schön não se propuseram narrar o segundo ano da *Niger Expedition*, expondo, assim, como nós entendemos, uma autonomia da *Church Missionary Society*, por ter decidido não vincular completamente seus planos às coordenadas oficiais do governo britânico. O periódico *The Literary Gazette*¹² noticiou, no dia 19 de novembro de 1842, o lançamento dos relatos de Schön e Crowther, em sua coluna dedicada a *Literary Novelties*, apenas dois dias após a chegada do navio *Wilberforce* à Inglaterra, o último a retornar à Inglaterra.

Destarte, a *Church Missionary Society* teve exatamente um ano para a publicação dos relatos de seus missionários, pois deixaram a ilha de Fernando Pó no dia 23 de novembro de 1841. A entrega do material para a Sociedade, a revisão do texto e a publicação, avançou somente o período de um ano, fazendo-nos concluir que pouco tempo foi dedicado à edição dos textos, demonstrando assim uma certa urgência para a divulgação desses dois relatos. No decorrer das narrativas, destacamos que houve tendência de transferir para os africanos as

¹² “The Literary Gazette and Journal of the Belles Lettres, Arts, Sciences e etc.”

responsabilidades que anteriormente caberia apenas aos missionários europeus: a cristianização e “civilização” do interior do continente. Notamos que a inclinação de delegar aos africanos tal missão esteve presente nas discussões do prefácio, propondo-se como um objetivo a ser alcançado: “por estabelecendo os fatos apenas advertido para, reforçar a obrigação de treinar nativos da África, como Professores de religião de seus compatriotas” (SCHÖN & CROWTHER, 1842: xi). A discussão também alcançou os jornais especializados, como o *The Friend of Africa*, que lançaria naquele mesmo mês de abril uma matéria focada na agência do africano naquele processo: *The Niger Expedition – Native Agency*, a qual destacava, principalmente, a importância na questão comercial.

Enfim, apesar de entrar no prefácio dos diários a necessidade de treinamento de nativos como professores de religião, a *Church Missionary Society* não falou abertamente da mudança de seus planos. Embora Crowther, em toda a sua narrativa, defenda a ampliação de professores nativos sem mencionar a necessidade de europeus como supervisores, Schön só assume esta realidade, transferência desse poder de agência para o africano, como opção, ao concluir que europeus não poderiam sobreviver no interior do continente. Crowther, como um Africano Livre, catequisado e “civilizado”, acreditava na possibilidade de dispersão da fé cristã pelas “mãos negras”, mas essa hipótese só foi aceita quando os missionários europeus viram-se em uma situação extrema: ou abriam mão do controle da cristianização no interior do continente, ou abriam mão da missionarização.

Fontes Documentais:

ALLEN, William & THOMSON, Thomson, R. H. *A narrative of the expedition sent by Her Majesty's Government to the River Niger, in 1841*, Vol.1 e Vol.2, London: Richard Bentley, 1848.

SCHÖN, J.F., & CROWTHER, S. *Journals of the Ver. James Frederick Schön and Mr. Samuel Crowther, Who with the Sanction of her Majesty's Government, accompanied the Expedition up the Niger in 1841*. London: Hatchard and Son, 1842.

The Literary Gazette and Journal of Belles Letters, Arts, Sciences, &c. London: Robson Levet, 1842.

The Friend of Africa by The Society for the Extinction of the Slave Trade, and for the Civilization of Africa, London: John W. Parker, Janeiro 1841 a Fevereiro 1843.

WESLEYAN-METHODIST MISSIONARY SOCIETY, *Annual Report*, 1827, p. xiii-ixv

Referências Bibliográficas:

BARROS, José. “História Comparada – Um novo modo de ver e fazer a História” *Revista de História Comparada* 1, no.1 (Junho, 2007).

CURTIN, Philip D. *The Image of Africa*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1973.

DELGADO, Érika Melek. “Vencidos pela febre? Uma análise comparativa através de relatos de viagem produzidos pela Niger Expedition ao interior da África Ocidental, 1841-1842” Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, PPGHC. Rio de Janeiro, 2013.

EHRENSAFT, Philip. “The Political Economy of Informal Empire in Pre-Colonial Nigeria, 1807-1884.” *Canadian Journal of African Studies* V. VI, No.iii, (1972) 451 - 490.

FABIAN, Johannes. *Out of four Minds*. London: University of California Press, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

_____ “A escrita de si.” In *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.

FRANEY, Laura E. *Victorian Travel Writing and Imperial Violence. British writing on Africa, 1855-1902*. New York: Palgrave MacMillan, 2003.

GREEN, Willian A. “The West Indies and British West African Policy in the Nineteenth Century – A corrective Comment.” In *Journal of African History*, V. XV, No.2,(1974) p. 247 - 259.

GALLAGHER, John and ROBINSON, Ronald. “The Imperialism of Free Trade.” *Economic History Rev The Economic History Review*, v. 6, no.1 (1953) p.1 - 15.

GUALTIERI, Claudia. *Representation of West Africa as exotic in British Colonial travel writing*. Lewiston: The Edwin Mellen Press, 2002.

HEADRICK, Daniel R. “The tools of Imperialism: Technology and the Expansion of European Colonial Empires in the Nineteenth Century.” *The Journal of Modern History*, V. 51, No.2, (1979) 231 - 263.

KOLAPO, Femi James, “Military Turbulence, Population Displacement and Commerce on a Slaving Frontier of the Sokoto Caliphate: Nupe c. 1810-1857.” PhD Thesis, York Univeristy, Canada, 1999.

MURPHY, L., “Obstacles in the Way of Love: The Enslavement of Intimacy in Samuel Crowther and Ama Ata Aidoo”. *Research in Africa Literatures*, V. 40, 4, 2009, p. 47-64.

PRATT, Mary. *Os Olhos do Império*. Bauru: EDUSC, 1999.

SAID, Edward W. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TEMPERLEY, Howard. *White Dreams, Black Africa: The British and slavery expedition to the river Niger, 1841-1842*. London: Yale University Press, 1991.

* * *

Como citar:

DELGADO, Erka Melek. As narrativas evangelizadoras da *Niger Expedition*: uma análise comparativa dos discursos de missionários da expedição britânica ao rio Niger - 1841. **Revista Transversos**, Rio de Janeiro, Vol. 04, nº. 04. Ano 02. abr.-set. 2015. pp. 57-78. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528.